

O CONSUMO AUDIOVISUAL EM MOÇAMBIQUE. RELATO DE VIAGEM, DEZEMBRO DE 2016

Mateus Nagime*

Resumo

Especialista em conservação do patrimônio cinematográfico residente em São Paulo, mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mateus Nagime traz um relato pessoal sobre sua viagem de férias a Maputo – e sua visita informal à sede do Instituto Nacional de Arte e Cinema (INAC), onde a memória cinematográfica moçambicana está armazenada, em condições distantes do ideal.

Palavras chave: Conservação; Patrimônio cultural; Instituto Nacional de Arte e Cinema.

Abstract

AUDIOVISUAL CONSUMPTION IN MOZAMBIQUE. TRAVEL REPORT, DECEMBER 2016

Mateus Nagime, a specialist in conservation of the cinematographic heritage residing in São Paulo, master in Image and Sound by the Federal University of São Carlos (UFSCar), brings a personal account of his trip to Maputo - and his informal visit to the headquarters of the National Institute of Art and Cinema (INAC), where the Mozambican film memory is stored, in conditions far from ideal.

Keywords: Conservation; Cultural heritage; National Institute of Art and Cinema.

Em dezembro de 2016, fui a Moçambique, em minha primeira viagem à África. Peço perdão pelo tom mais pessoal do texto, mas já que ele nasce das lembranças e das memórias, tenho segurança que valerá a pena no final. Não conseguiria escrever sobre minhas experiências com o cinema e audiovisual em Moçambique de outra maneira.

Tive um bom preparo através da Mostra *África(s). Cinema e revolução*, que aconteceu em São Paulo em 2016. Na abertura da mostra, foi exibido *25 (1975)*, filme em que José Celso Martinez Corrêa e Celso Lucca documentam a luta pela independência do país, finalmente alcançada e reconhecida por Portugal em 25 de junho de 1975. Samora Machel, o primeiro presidente moçambi-

* Atua no setor de preservação da Cinemateca Brasileira (São Paulo). Mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: mateusnagimeb@gmail.com

cano, acreditava na importância de mostrar imagens da revolução e do novo país em construção. Numa terra ainda sem televisão – a rede seria implementada apenas em 1981, e de forma bem precária – optou-se por realizar noticiários cinematográficos, chamados de *Kuxa Kanema*.

Vários cineastas e técnicos europeus, soviéticos, brasileiros e de outras nacionalidades foram convocados para auxiliar na implementação de uma rede de produção, distribuição e exibição destes cineclubes. Uma guerra civil entre a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que contou com a colaboração das potências vizinhas, colaborou para o fim do projeto do *Kuxa Kanema* durante a década de 1980. A guerra civil chegou a um fim oficial em 1992 e a televisão já começava a se impor como um importante agente cultural.

É fundamental ressaltar aqui a importância que o cinema teve e continua tendo para a manutenção do português como língua oficial do país. Além disso, não tenho dúvidas de que a própria ideia de nação do enorme país, que já sofreu muitas tentativas de separação, foi fortalecida pelo *Kuxa Kanema*. Alguns dados: de acordo com o censo de 2007, apenas 12,8% da população fala majoritariamente o português em casa; somente 10,7% considera o português a sua língua materna (em Maputo, capital, o número aumenta para 25%). E pouco mais da metade da população fala o português (50,4%, sendo que no espaço rural o número diminui para 36,3%).

O país conta com 42 línguas oficiais. Se a televisão e o cinema falharam em estabelecer o português como língua falada por todos, essa rede de imagens em movimento contribuiu para manter o país unido, sobretudo por meio das imagens da revolução. É verdade que hoje persistem os conflitos ar-

mados entre Frelimo e Renamo (que ainda é dominante politicamente na parte central do país), mas não existe mais anseio por secessão. Todos se sentem moçambicanos, ainda que a definição de cultura moçambicana seja algo incerto.

A maior parte da música que é consumida não é a americana, e sim a brasileira. As dublagens cinematográficas nas salas de cinema ou na televisão é aquela feita para o mercado brasileiro. Ou seja, a voz brasileira é a mais difundida, ainda que isso não aconteça sem problemas: se o domínio português é combatido e isso se vê refletido num certo preconceito contra os portugueses ainda residentes no país, a relação com a cultura brasileira é paradoxal. Ouvi uma vez, por exemplo, que “a língua brasileira serve para a música, mas é péssima para a fala”. Mas era inegável que os moçambicanos são amplos conhecedores das gírias brasileiras.

Se a música brasileira é amplamente conhecida, o cinema brasileiro, não. Em parte, por conta do baixo número de cinemas que ainda existem nas cidades. Hoje em Moçambique o audiovisual é conhecido principalmente através da televisão. E se o cinema brasileiro não é tão célebre (apesar de *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite* terem uma boa legião de fãs), o audiovisual produzido do lado de cá do Atlântico exerce forte apelo na África.

Para começar, claro que as telenovelas brasileiras são super conhecidas. Mas se engana quem acha que a TV Globo é dominante. Enquanto algumas novelas de lá são exibidas por um canal específico da Globo voltado para o mercado internacional e encontrado na programação a cabo, a Rede Record tem força no país através de sua subsidiária, a TV Miramar, uma das maiores televisões do país. Assim, ao contrário do que imaginava, as pessoas tinham como principais referências televisivas não Regina Duarte

ou Suzana Vieira, mas Sabrina Sato, Rodrigo Faro, entre outras estrelas da Record. A Miramar também exibe programas produzidos localmente, entre eles o *Balanço Geral*, no mesmo formato daquele transmitido no Brasil, em tom sensacionalista. A Soico Televisões, outra das principais televisões privadas de Moçambique, exibe programas do SBT, tais como os apresentados por Silvio Santos e Ratinho, além de *Domingo Legal*.

Costumam ser retratados temas como violência doméstica e preconceito. É notável a falta de crítica política, no máximo presente apenas em notícias de cotidiano (como por exemplo um bairro na periferia de Maputo que não conta com saneamento básico, etc). Quando a televisão retrata a atual guerra civil, não deixa dúvidas de que os opositores da Renamo formam parte de um grupo terrorista que está em operação no centro do país. O governo segue utilizando o audiovisual como forma de propagação do poder, não distante do que fazem outros países.

Nesse aspecto, como ficam as salas de cinema? Como era de se esperar, abandonadas. Tive a oportunidade de passar em frente ao Cinema Scala, uma das relíquias arquitetônicas da antiga Lourenço Marques, como era chamada a capital da colônia portuguesa. Um tanto com pressa, com um amigo que estava em seu último dia em Maputo, entrei rapidinho para ver como era. Os funcionários muito solícitos nos permitiram entrar, tirar fotos e conhecer a sala que décadas atrás reunia mil espectadores num dos mais luxuosos locais da região, ponto de encontro da juventude, agora deixado às moscas. Teve ao menos um destino esperançoso: é palco de eventos culturais e, esporadicamente, de exposições audiovisuais. Várias outras salas de cinema da cidade hoje são usadas como pontos de drogas, armazém ou completamente inutilizadas, como noticia-

do no *Jornal Notícias*¹.

Para o bem e para o mal, o que mais chamou a minha atenção durante a viagem foi a ida ao Instituto Nacional de Arte e Cinema (Inac). Criado em 1976 ainda como Instituto Nacional de Cinema (INC), o Instituto tomou a atual forma em 2000. Sua função original era a de organizar toda a produção e a distribuição do *Kuxa Kanema*. Com o passar dos anos, além de produzir os novos filmes, também adquiriu a tarefa de preservar um rico acervo.

Tendo ido com a incumbência de entregar um catálogo da Mostra mencionada acima, aproveitei para conversar com os funcionários e fazer uma visita. Minha credencial de Diretor Técnico da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual, com passagem pela Cinemateca Brasileira, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio e Centro Técnico Audiovisual (CTAv), chamou a atenção, pois percebi facilmente - e explicitamente - que falta mão de obra qualificada, isso para começar - também são ausentes os equipamentos, treinamento e infraestrutura básica.

O diretor da Cinemateca, Alcidio José, reconheceu que não tinha uma formação estritamente cinematográfica e me contou que tentava formar uma equipe para cuidar do acervo que se deteriorava rapidamente. Apenas uma sala comportava negativos e positivos, enquanto idealmente estes deveriam ser preservados em cofres separados, cada qual com suas próprias características técnicas de controle de umidade e temperatura. As cópias positivas em geral servem para serem exibidas enquanto os negativos guardam as imagens com a maior qualidade possível e servem para produzir novas cópias.

¹ <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/68539-cidade-de-maputo-o-in-emitavel-fim-das-salas-de-cinema.html>. Acesso em 14 de setembro de 2017.

Aqui é importante abrir um parêntese para explicar algo do processo de preservação audiovisual: o filme de acetato libera um ácido acético que deteriora a película em um processo irreversível. Assim, os filmes devem ser separados para não contaminar as películas que ainda não possuem o que chamamos de síndrome de vinagre (chamada assim pois as películas começam a soltar um odor parecido com o do vinagre). Não só contaminam as películas, mas também estragam os equipamentos que são instalados para assegurar a preservação das películas. Assim, é comum os arquivos sofrerem com desumidificadores e condicionadores de ar corrompidos por conta do ácido acético liberado pelas películas.

Dito tudo isso, quando eu entrei na única sala que continha películas, me assustei com o forte cheiro de vinagre liberado. Era fato que a maior parte das películas já estavam submetidas ao irreversível processo de deterioração. Se a maior parte daqueles filmes já tinha sido digitalizada, certamente foi em condições tecnológicas que podem melhorar. É sempre importante manter a película original, pois em bom estado nada a supera em qualidade de imagem e som. O que via (e sentia) ali era a história audiovisual de um país se perdendo.

Isso tudo para não falarmos dos acervos televisivos que não eram responsabilidade do Inac (me disseram que cada televisão cuidava, em estados variados de competência, de seus acervos) e de uma pilha com fitas magnéticas que estavam no chão. Alcídio tinha me dito que eles não sabiam o que havia naquelas fitas por falta de equipamento para visioná-las. Também me disse que todos os filmes tinham sido examinados em mesas enroladeiras por uma equipe de preservadoras portuguesas que tinha passado uma temporada em Maputo. Porém, passados os anos, os filmes voltavam ao caminho da deterioração.

Concordamos que ações pontuais não fariam sentido: era necessário um projeto para garantir a preservação a longo prazo dos filmes ali. Não se sabe quanto tempo podemos esperar para que realmente o governo moçambicano invista na preservação das películas reunidas no INAC. Isso para não falar dos diretores e produtores que naturalmente não confiam no Inac e preservam por conta própria suas obras ou preferem enviar seus filmes para arquivos estrangeiros - em geral portugueses.

Numa sociedade que não frequenta mais o cinema e que usa periodicamente o youtube, seja para ver filmes ou para cantar no karaokê, a situação é bem preocupante. Um país que ainda se orgulha de ter filmado a própria independência e de ter usado o cinema como meio de disseminar uma ideia de nação - com todos problemas que isso envolve - assiste a sua história virar ruínas.

Em um país que sofre de apagões elétricos, corrupção endêmica, conflitos políticos e territoriais, como esperar que os cinemas do passado, relíquias do colonialismo português ou do projeto revolucionário de Samora Machel, sobrevivessem? Se boa parte da população ainda não tem smartphone, eles vislumbram mais este caminho, aliado ao dos shopping centers (onde estão localizadas a maioria das poucas salas em funcionamento no país). Foi um futuro glorioso, incerto, mas promissor, que essas salas de cinema sempre projetaram, a possibilidade de que através daquelas salas, daqueles filmes, Moçambique tivesse um vislumbre da modernidade anunciada. É invocando a mesma modernidade, ainda desejada e nunca alcançada, que as salas de cinema vão pouco a pouco deixando de existir.

Recebido em: 06/01/2017

Aprovado em: 07/03/2017